

OS PARATEXTOS EDITORIAIS NA OBRA *CANTIGAS DAS CRIANÇAS E DO POVO E DANÇAS POPULARES*, DE ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO¹

Laura Emanuela Gonçalves Lima (UNIMONTES)²

Resumo: Alexina de Magalhães Pinto foi uma pesquisadora, professora, folclorista e escritora mineira do início do século XX, pioneira em obras destinadas às crianças (e/ou ao trabalho que se realizava com as crianças nas escolas). Em suas obras – grande parte delas, coletâneas de produções culturais que circulavam oralmente naquela época – a autora procurou aproximar a cultura popular e o folclore da cultura considerada de elite. O trabalho propõe refletir sobre a sua contribuição enquanto editora, numa tentativa de estabelecer a relação entre os paratextos (elementos periféricos do texto, conceito desenvolvido pelo francês Gerard Genette), como itens que induzem ou influenciam o leitor na construção de uma ideia moderna da infância.

Palavras-chave: Alexina de Magalhães Pinto; Literatura infantil; paratextos.

Alexina de Magalhães Pinto – conforme o *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*, de Nelly Novaes Coelho (2006) – nasceu em quatro de julho de 1870, em São João Del Rei-MG, e morreu, vítima de trágico atropelamento de trem, em dezessete de julho de 1921, na cidade de Correias-RJ.

Alexina de Magalhães costumava fazer viagens por Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, recolhendo tradições populares (contos, provérbios, brincadeiras infantis e cantigas) que inseriu nos seus livros: *Nossas Histórias* (1907), *Contribuição do folclore brasileiro para a biblioteca infantil* (1907), *Os nossos brinquedos* (1909), *Cantigas das crianças e do povo e danças populares* (1916) e *Provérbios populares, máximas e observações usuais* (1907).

Com esse seu trabalho de recolha e escolha de cantigas, provérbios, contos e brincadeiras do meio social, para formar espécies de coletâneas, Coelho (2002) comenta que, nessa sua iniciativa, está visível a influência de vertentes do pensamento científico que emergia no século XIX: a valorização das origens, busca de autenticidade e identidade nacional.

Leonardo Arroyo, um dos mais importantes estudiosos da literatura infantil, faz referência à importância de Alexina de Magalhães na época em que a produção de obras destinadas à infância estava emergindo no Brasil. No livro *Literatura infantil brasileira* (1968), Arroyo ressalta a participação da autora em uma “reação à literatura escolar e aos velhos conceitos sobre a infância”, já que ela promovera um projeto de uma

¹Este trabalho integra uma pesquisa de mestrado em andamento sobre a obra da autora Alexina de Magalhães Pinto, sob orientação da professora Rita de Cássia Silva Dionísio Santos.

²Graduação em Letras/Português (UNIMONTES), Mestranda no programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários (UNIMONTES). Bolsista CAPES. Contato: lauralima.mail@hotmail.com

biblioteca infantil, indicando quais obras mínimas deveriam ser dadas para as crianças e jovens lerem (ARROYO, 1968, p. 257).

O livro *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*³ (1916), objeto de estudo deste trabalho, trata-se de uma coletânea de cantigas populares, compiladas pela Alexina de Magalhães durante suas pesquisas e viagens. A escritora ouvia as cantigas de crianças e adultos nos locais que visitava e as registrava juntamente com a sua melodia – segundo indica a autora no próprio livro:

De lar em lar, de poiso em poiso, durante longos annos, andei a ouvir e a registrar de labios mineiros, cariocas, fluminenses, paulistas, – de contingentes estranhos que a sorte adversa a essas paragens lançára – cantigas, historias, maximas, receitas, superstições ... Nos salões, nas salas, attenta, ouvi meninas, mocinhas, senhoras, matronas, buscando-as sempre em meios em boa conta tidos. [...]

Ouvia de lapis na mão, de papel em punho; escrevia rápido; em segunda audição verificava o que escrêvera; para o piano transportava os trechos musicaes; escrevia-os; conferia-os, após escriptos (PINTO, 1916, p. 5 e 6).

Durante o século XIX, as produções literárias voltavam-se para os costumes populares, como forma de ressuscitar o nacionalismo brasileiro. Muitos escritores vão encontrar as marcas de nacionalidade brasileira no folclore: com seus contos, cantigas, provérbios e demais costumes populares.

Evidencia-se que, no período histórico do final do século XIX e início do século XX, o Brasil passava por muitas transformações, como a implantação de um novo regime, o republicano. O papel das mulheres nessa época ainda era pouco expressivo, pois elas não tinham autonomia e liberdade de expressão, de modo que as atividades femininas eram ocultadas. A essa problemática, podemos atribuir o pseudônimo utilizado pela autora em alguns artigos publicados no Almanaque Brasileiro Garnier – como encontra-se na bibliografia da dissertação “*A mineira ruidosa*” *Cultura Popular e Brasilidade na Obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921)*, de Flávia Guia Carnevali (2009) – denominado *Icks*. Destaca-se que no livro *Cantigas das crianças e do povo e danças populares* – o qual é objeto deste trabalho – o nome *Icks* encontra-se como título da coleção publicada pela Livraria Francisco Alves.

³Título original: *Cantigas das creanças e do povo e dansas Populares*, PINTO, 1916.

Alguns críticos e estudiosos apontam as obras de Alexina de Magalhães Pinto como pedagógicas, não atribuindo valor estético às manifestações populares. Nesse sentido, ressalta-se que, provavelmente por ter sido professora – e há registros que seu livro *Provérbios, Máximas e observações usuais* fora adotado nas escolas públicas mineiras – e pelo contexto social da época, em que predominava o pensamento de formação da elite burguesa, o acervo da autora apresenta características didáticas.

Contudo, importante acentuar que, no livro *Problemas da literatura infantil* (1979), Cecília Meireles discute sobre a aproximação da literatura infantil com a literatura pedagógica e as problemáticas decorrentes dessa relação para a consolidação da primeira como gênero literário. A autora também acredita que essa ligação é necessária, mas que isso não impediria os livros infantis de trazerem consigo a bagagem literária.

Ademais, ao mesmo tempo que Alexina de Magalhães Pinto pretendia registrar as tradições populares, ela também esteve preocupada em adaptar certos aspectos da cultura popular que entrariam em contato com a “elite”, conforme a historiadora Flávia Carnevali comenta, em seu trabalho intitulado *Música popular, Memória e História em Alexina de Magalhães Pinto* (2011):

Foi ela quem usou pela primeira vez material folclórico na elaboração de livros didáticos, contrariando a tendência da época de excluir histórias populares e folclóricas dos livros destinados a compor a biblioteca infantil. Alexina foi inovadora ao acreditar no potencial educativo da cultura popular, mas para isso reelaborou e recriou os contos, as brincadeiras infantis e as cantigas populares à sua maneira (CARNEVALI, 2011, p. 388).

O livro foi publicado em 1916, com 208 páginas ao todo, num total de 77 cantigas e é dividido em duas partes. Na primeira parte, as cantigas são divididas em: *Cantigas; Cantigas dos pretos*. Na segunda parte, encontramos a seguinte divisão: *Cantigas e Danças; Côretos; Côretos de Mesa; Côretos e bandos de rua; Cantigas jocosas; Cantigas históricas, regionais e patrióticas*. Essa divisão da obra (e outros aspectos que serão discutidos a seguir) confirma a participação da autora na sistematização da obra.

Em relação à capa do livro, Rita de Cássia Silva Dionísio, no texto *Narrações da infância em Alexina de Magalhães Pinto*: refletindo sobre as “Cantigas das creanças”, comenta que:

A organização dos elementos semiológicos da capa permite-nos identificar a sua relação com o conteúdo do livro: de natureza eclética, a obra reúne cantos (narrativas) das culturas negra, branca e indígena – os quais transportam crenças, superstições, informações sobre o *modus vivendi* dessas etnias. Por outro lado, não se pode prescindir, também, dos (pré)conceitos – perceptíveis na ilustração – que enformavam aquele tempo: as crianças brancas bem vestidas, em posição de destaque social; as crianças negras e indígenas às margens dos processos educacionais e sociais de formação cidadã (e em proporção matematicamente menor que as brancas) (DIONÍSIO, 2016, p. 222 e 223).

Essa interpretação da capa corrobora a hipótese de essa ilustração ter sido elaborada pela própria Alexina de Magalhães – o que pode ser verificado a partir da informação encontrada no texto da Carnevali (2009), de que ela ocupou cargo de destaque na Cadeira de Desenho e Caligrafia da Escola Normal de São João Del Rey.⁴

O papel do editor é fundamental na concretização de um livro. O trabalho de seleção e de organização da obra pode influenciar na interpretação do leitor. Os textos e observações de autoria de Alexina de Magalhães nos arredores das cantigas, parece-nos imprescindíveis à compreensão do projeto artístico e estético pretendido pela educadora. Para refletir sobre a sua contribuição enquanto editora, com ênfase na sua obra citada anteriormente, é necessário compreender a ideia ou o conceito de paratexto, desenvolvido pelo francês Gerard Genette.

De acordo com o autor, no livro *Paratextos Editoriais* (2010), os paratextos são reforços que participam da construção de uma obra, como forma de expandi-la. Podem ser considerados como paratextos: título, nome do autor, prefácio, ilustrações, notas, dedicatória, capa, contracapa e tantos outros acessórios que se encontram ao redor do texto, que oferecem “a cada um a possibilidade de entrar ou de retroceder. ‘Zona indecisa’ entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto)” (GENETTE, 2009, p. 9 e 10).

Para a reflexão dos paratextos presentes na obra selecionada, *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*, serão destacados três textos que se encontram

⁴ Podemos supor que os desenhos que encontramos no interior da obra tenham sido feitos por Alexina de Magalhães, contudo, na capa do livro, identificamos recentemente, quase que camuflado com o desenho da grama, um registro que se assemelha a uma assinatura, onde se lê: *Moraes*. Estamos nos dedicando à investigação dessa informação.

no início do livro, antes da exposição das cantigas. No primeiro paratexto, intitulado *Às crianças* (no português atual), é perceptível o direcionamento de sua escrita para as crianças. Essa parte do livro revela o desejo da autora de convidar as crianças para o universo de seu livro, um universo musical e cultural. Ela convida as crianças a cantarem e a brincarem com seus amigos, mas recomenda que elas fossem amáveis e generosas com todos, para que, assim, se tornassem pessoas de bem: “Cantae, filhinhos, cantae. Reuni-vos aos bons, cantae, briancae. Brincando, sede amaveis e delicados; esforçae-vos por serdes generosos para com os vossos companheiros todos” (PINTO, 1916, p. 3).

Alexina de Magalhães diz que as cantigas servirão para trazer momentos de felicidade, de alegria e de sintonia com os amigos e família e que esses momentos não serão esquecidos com o passar do tempo, visto que os momentos felizes estarão, de certa forma, gravados em cada cantiga, em cada coração. Um outro trecho desse paratexto revela a crença da autora de que as cantigas envolveriam a criança com o sentimento e com o conhecimento, contribuindo para a construção de seu caráter: “E si de outras tão simples como essas souberdes os versinhos, mandae-os com o vosso endereço, o endereço de quem as aprendestes, a quem trabalha por ver-vos cada dia mais alegres, mais fortes, mais nobre pelo sentimento e pelo saber...” (PINTO, 1916, p. 3).

É considerável ressaltar que esse é o primeiro paratexto do livro, ou seja, intencionalmente ou não, ele é direcionado às crianças. A autora a todo momento coloca a criança em um patamar maior, sua preocupação com elas é evidente.

No segundo paratexto do livro, intitulado *Alguns conselhos sobre a maneira de se servirem os pais, as crianças, os educadores* (no português atual), percebe-se o cuidado da autora com a saúde física das crianças e dos educadores, aconselhando o repouso após a cantoria. Ela pede aos pais ou educadores que indiquem as ilustrações presentes no livro e que estimulem as crianças a dizerem o que sentem, o que veem. Aos educadores pede que sejam narradas histórias que incentivem as crianças a criarem suas próprias histórias e relacionarem depois com as cantigas e outras figuras:

Uma historia, a proposito do quadro, será narrada pelo educador; nos dias seguintes repetida pelas creanças, sem exigencias de detalhes.

Mais tarde virá o exercício de invenção de histórias, com o auxílio de outras figuras e respectivas canções (PINTO, 1916, p. 4).

No terceiro paratexto, intitulado *Nota justificativa*, Alexina de Magalhães a endereça aos estudiosos e educadores. É um texto de explicação sobre a origem e o porquê da obra. A autora expõe o seu interesse pela literatura popular anônima, tendo passado anos ouvindo e registrando cantigas, histórias, provérbios, receitas, superstições, de diversos lugares do Brasil. Alexina de Magalhães indica seu cuidado técnico em registrar, em notas de rodapé, a origem e detalhes de cada cantiga que compõe a obra. Esses registros, segundo declara, seriam de grande valor e utilidade para outros folcloristas e estudiosos de literatura popular. A autora compreende a fidelidade que se deve ter nesses registros populares, na questão de manter os traços, seja da origem ou, nesse caso de cantigas, a sua sonoridade.

A escritora deixa visível a sua intenção de fazer algo essencialmente brasileiro e, de um modo bem modesto, acredita que se não conseguiu o que pretendia, outros estudiosos o fariam um dia. Aconselha, então, no final desse terceiro paratexto, que não nos esqueçêssemos do que era nosso, já que é no popular que estão os verdadeiros tesouros de um povo e é lá que estão as verdadeiras qualidades:

Evitemos excessos, não deixando, nunca, de estudar o que é nosso, com *sympathia*, amor, carinho e benevolencia: – só a esses titulos se rende a natureza, como só por elles se deixam penetrar os umbraes dos thesouros dos humildes: e é lá que reside o que é bom, o que é bello, nobre, justo e verdadeiro (PINTO, 1916, p. 10).

É interessante pensarmos que mesmo com as mediações feitas pela autora, modificando certos aspectos da cultura folclórica, as suas obras são meios de preservação desse material que se perderia ao longo do tempo. Entretanto, considerando todos os aspectos comentados nesse trabalho e o contexto social e político da época – em que a cultura popular não penetrava as camadas mais altas da sociedade, era o momento certo para a inovação.

Com a apresentação de alguns dos elementos periféricos do livro, é possível cogitar que eles são itens que induzem ou influenciam o leitor na construção de uma ideia moderna da infância, em que a criança é posta em lugar de destaque e, a essa ideia

moderna, podemos atribuir o afastamento da obra de uma definição de obra pedagógica, como é considerada por alguns críticos.

Partindo do ponto de vista do conceito de Genette (2009), os paratextos são considerados elementos importantes e auxiliares para a interpretação de uma obra. Conforme Aulus Mandagará Martins, em *As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em Luanda e Mayombe*, “na maioria dos casos, desconsiderá-lo seria perder algo da história desse texto, suas motivações, seu modo de circulação, sua relação com o contexto literário e político” (MARTINS, p. 176, 2010).

Acredita-se que é possível apontar particularidades artísticas da obra referida como estratégias que contribuem para a construção dos sentidos do texto e para a sua recepção e, pelos resultados parciais de nossa pesquisa, é possível afirmar que Alexina de Magalhães participou ativamente da edição dos seus livros. A escolha da escritora em trabalhar com crianças como forma de elevá-las, de algum modo, e os indícios de inovação da literatura infantil que estava se iniciando no Brasil são alguns aspectos que foram considerados neste trabalho, cogitando mostrar a validade de estudos contemporâneos sobre os paratextos na composição de um livro.

Referências

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CARNEVALI, Flávia Guia. Música popular, Memória e História em Alexina de Magalhães Pinto. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Universidade Federal de Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 385-401, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/13207>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

CARNEVALI, Flávia Guia. “A mineira ruidosa” *Cultura Popular e Brasilidade na Obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08022010-123212/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2002)*. São Paulo: Escrituras Editoras, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

DIONÍSIO, Rita de Cássia Silva. Narrações da infância em Alexina de Magalhães Pinto: refletindo sobre as “Cantigas das creanças”. In: CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias; MENDES, Moema Rodrigues Brandão (Org.). *Literatura de Minas: vozes esquecidas*. 2011. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016. p. 213-230.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MARTINS, Aulus Mandagará. As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em Luuanda e Mayombe. *IPOTESI*, Juíz de Fora, v. 14, n. 2, p. 169-177, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/14-As-margens-do-texto-nas-margens-do-c%C3%A2none.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1979.

PINTO, Alexina de Magalhães. *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. (Coleção Icks. Série A.)